

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DECISO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CINEDEBATE E QUESTÕES DE GÊNERO: O NEOCONSERVADORISMO
NA ESCOLA.**

FERNANDA DE CARVALHO AZEVEDO MELLO

RECIFE - PERNAMBUCO,

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DECISO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CINEDEBATE E QUESTÕES DE GÊNERO: O NEOCONSERVADORISMO NA
ESCOLA.

FERNANDA DE CARVALHO AZEVEDO MELLO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Bacharela em Ciências Sociais pela
Universidade Federal Rural de Pernambuco
(UFRPE).

Orientadora: Maria Auxiliadora Gonçalves da
Silva

RECIFE - PERNAMBUCO,
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A994c Azevedo Mello, Fernanda de Carvalho
Cinedebate e questões de gênero: O neoconservadorismo na escola. / Fernanda de Carvalho Azevedo Mello. - 2021.
24 f. : il.
- Orientadora: Maria Auxiliadora Goncalves da Silva.
Inclui referências e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2022.
1. neoconservadorismo. 2. escola. 3. cinedebate. 4. ensino em gênero. I. Silva, Maria Auxiliadora Goncalves da, orient. II. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DECISO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva
1a Examinadora/Orientadora – DECISO/UFRPE

Profa. Dra. Rosa Aquino
2a Examinadora – DECISO/UFRPE

Profa. Dra. Roseana Borges de Medeiros
3a Examinadora – DECISO/UFRPE

RECIFE – PERNAMBUCO

2021

ENTRE O NEOCONSERVADORISMO E O ANTAGONISMO: CINEDEBATE E QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA¹

Fernanda de Carvalho Azevedo Mello²

Resumo: A retração na oferta de serviços oferecidos pelo Estado à população, fenômeno observado a partir do Governo Temer e que persiste durante o Governo Bolsonaro, tem como circunstância o avanço neoconservador em defesa de um modelo específico de família e contra o ensino de conhecimento situado dentro das escolas, em especial contra o assunto ‘gênero’. Dentro desse contexto nacional, o projeto de extensão CineDebate: Raça e Gênero na Escola (UFRPE), na Escola de Referência em Ensino Médio Cândido Duarte (Recife/PE), abordou curtas-metragens de temas e recortes variados entre os anos de 2016 e 2017, oferecendo em atividade extraclasse a possibilidade de problematizar realidades sociais. Após cada exibição, eram aplicados questionários que buscavam avaliar o entendimento por parte das/os estudantes dos temas e das obras apresentadas. O presente artigo tem como objetivo comentar a variação entre recepções a partir de seus recortes temáticos. Fundamentada na análise do conjunto de questionários foi possível concluir que houve antagonismo apenas na recepção aos curtas com temática de gênero e que essa objeção está em confluência com o discurso neoconservador que ganha espaço na política nacional e na sociedade brasileira. Tal discurso prega a censura de conhecimentos e o restabelecimento de um modelo patriarcal de família por meio de projetos como o Escola Sem Partido. Em conclusão, argumento que, mesmo após 4 anos de seu término, os resultados do projeto de extensão continuam relevantes para refletir sobre o alcance, ramificações, trajetórias e consequências do discurso anti-gênero para a educação.

Palavras-chave: neoconservadorismo; escola; cinedebate; ensino em gênero.

INTRODUÇÃO.

O influência da corrente neoliberal lançada durante os governos Thatcher-Reagan ainda ecoa fortemente na América Latina na segunda década do século XXI. Nossa história recente mostra que a escalada neoliberal no continente foi acompanhada de rompimentos ou tentativas de rompimento político-econômicos de modelos desenvolvimentistas que levaram aos bons desempenhos sociais e econômicos também recentes na curta história “democrática” do continente (Wallerstein *apud* ARRIGHI, 2003). No Brasil, as reformas de austeridade fiscal feitas após a deposição da ex-presidenta Dilma Rousseff — entre outras, podemos citar

¹ Artigo apresentado ao Departamento de Ciências Sociais (DECISO) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a conclusão da graduação no Curso Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

² Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal Rio Grande do Norte (UFRN)

a aprovação da PEC 55 que congelou os gastos e investimentos públicos por 20 anos; a reforma trabalhista; a liberação da terceirização para atividades-fim; avanço nas privatizações de empresas estatais; e, mais recentemente, durante o Governo Bolsonaro, a reforma da previdência; a dissolução dos conselhos federais com participação da sociedade civil; a reformulação dos ministérios e secretarias, incluindo a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e mesmo o Ministério do Trabalho — representaram verdadeiro recuo na oferta de serviços públicos e também no que concerne às garantias de direitos pelo Estado. Essa retração, contudo, esteve pautada, entre outras coisas, em discurso neoconservador “em defesa da família” e contra o ensino de conhecimento situado dentro das escolas, em especial contra o assunto ‘gênero’ (BIROLI, 2018a). Como veremos, a atmosfera no Brasil tornara-se inóspita aos debates feministas, à liberdade da mulher, ao conhecimento científico nas áreas de gênero e sexualidade, e ao pensamento crítico de forma geral.

Estávamos no início dessa guinada neoliberal quando iniciamos a parte prática do *Projeto de Extensão CineDebate: Raça e Gênero na Escola*, realizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e financiado pela PROEXT/UFRPE, que abordou curtas-metragens de variadas temáticas entre os anos de 2016 e 2017, oferecendo em atividade extraclasse a possibilidade de problematizar algumas realidades sociais comuns aos alunos e alunas, auxiliando a troca de ideias, a reelaboração de conceitos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Sua metodologia consistia na exibição de curta metragens brasileiros que abordassem temas raciais e questões de gênero, fossem seus roteiros originais ou documentários, que estivessem em confluência com o discurso antropológico de respeito à diversidade através da prática da alteridade (GEERTZ, 1999). Após as sessões do Cine-Debate: Raça e Gênero na Escola, eras abertos debates à todas/os participantes, e, posteriormente, observava-se a aplicação de um questionário com questões objetivas de identificação e subjetivas quanto à opiniões sobre o filme.

O presente artigo tem como objetivo comentar a variação entre recepções a partir de seus recortes temáticos, através da análise do conjunto de questionários: foi possível concluir que houve antagonismo apenas na recepção aos curtas com temática de gênero. Entre curtas que abordaram solidariedade, bullying, racismo, transexualidade, transfobia e feminismos, foram apenas os curtas envolvendo os últimos três temas que geraram comentários agressivos por parte dos estudantes. Faz-se importante uma ressalva nesse momento, de modo geral, todos os filmes e o projeto de extensão em si foram bem recebidos pelos estudantes da Escola

de Referência em Ensino Médio (EREM) Cândido Duarte do bairro de Dois Irmãos (Recife/Pernambuco). O que debateremos aqui são as opiniões de um grupo pequeno de alunos e alunas, aquelas/es que rejeitaram a temática e a conscientização sobre os temas.

Nesse texto, o cinema é percebido enquanto um meio privilegiado para criar oportunidade de reflexão, seja pessoal e/ou coletiva, de transgredir ideias, refletir sobre um problema social através da dimensão artística e emocional. Trata-se de uma forma de “desaprender” (FRESQUET, 2013) e repensar noções pessoais e conceitos próprios sobre esses problemas sociais que vivenciamos cotidianamente. Mais que isso, as imagens mexem com os sentidos, com a memória, com a subjetividade. De acordo com Didi-Huberman, a imagem *arde*:

Arde com o real do que [...] se acercou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, “quente” quando “alguém se acerca do objeto escondido). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (como se costuma dizer “ardo de amor por você” ou “me consome a impaciência”). Arde pela destruição, pelo incêndio que quase a pulveriza, do qual escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje. [...] Arde por seu intempestivo movimento, incapaz como é de deter-se no caminho (como se costuma dizer “queimar etapas”), capaz como é de bifurcar sempre, de ir bruscamente a outra parte (como se costuma dizer “queimar a cortesia”; despedir-se à francesa). [...] Arde pela dor da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2012).

O estímulo à reflexão crítica e à transformação da sociedade é também um preceito próprio da atividade de extensão em si. De acordo com Luciana Maria Cerqueira Castro (2004), ela está diretamente associada à relação entre conhecimento científico e demandas sociais. E quando utilizado durante uma atividade desse tipo, o cinema tem a capacidade de superar a si mesmo enquanto método ou atividade educativa complementar, contribuindo para a formação de estudantes como agentes de mudanças políticas e sociais através do estímulo ao pensamento crítico. Era este o objetivo final de nossa empreitada na EREM Cândido Duarte.

Os questionários respondidos durante a execução do projeto (modelo em ANEXO I) referem-se, sobretudo, à percepção individual que cada aluno teve da obra apresentada e do debate subsequente. Trata-se do resultado entre o que foi visto e como isto foi apreendido. Inevitavelmente, as informações contidas nos curtas-metragens e a forma como são interpretadas pelos estudantes podem, por vezes, ser diferentes umas das outras. E foram. De acordo com Eliska Altmann (2008), essa diferença nas percepções “leva em conta a relação entre o efeito social da obra e o horizonte de expectativa de seus destinatários situados

historicamente, sem negar, entretanto, que as interpretações do texto sejam proporcionais à natureza de sua *intentio* profunda”. Através da análise das diferentes recepções contidas nesses questionários, foi possível fazer os apontamentos que faço nesse artigo. Buscando compreender exatamente *como* cada expectador interpretou criticamente cada sessão do projeto de extensão, darei destaque aos que mostram uma recepção (às vezes, muito) distante do que estava sendo proposto, reduzindo a potencialidade artística do cinema de inspirar à reflexão (ALTMANN, 2008). De acordo com a autora, a recepção pode estar relacionada ao contexto social no qual o expectador está inserido no momento em que assiste a obra:

O efeito artístico não estaria circunscrito nem à essência da obra em si nem a uma disposição estável do que se chamou “natureza humana”, mas a modos de relação dos homens com os bens culturais, cujas características variam de acordo com os contextos sociais, as disposições de produção e as classes sociais. Assim, a recepção cinematográfica pode ser percebida a partir de códigos sociais que regem sua circulação (ALTMANN, 2008, p. 615).

Dessa forma, é importante considerar o contexto social, político e cultural do momento em que é elaborada a crítica por parte do/a espectador/a para apreendê-la. Em outras palavras, o que está acontecendo em nossas vidas e em nossa sociedade irá interferir, entre outras coisas, em nossas interpretações de uma obra cinematográfica. Nesse sentido, frente à guinada conservadora que se desenhava no Brasil, busco avaliar criticamente, contextualizar e articular a objeção com que se expressaram alguns alunos e alunas quando trabalhamos curtas-metragens que envolviam a temática de gênero.

Além desta introdução, o presente texto está organizado em mais 3 seções. Na seguinte, falaremos de algumas características do neoconservadorismo que já vinha ganhando forças no Brasil desde a reeleição da ex-presidenta Dilma Rouseff, em 2014 (BIROLI, 2015), e que culminaram em seu afastamento do cargo em 2016. Debateremos também como a escola está implicada nisso. Em seguida, na terceira seção, conheceremos melhor os dados que me permitiram apontar que nenhum outro curta, além dos que abordam diretamente questões de gênero, gerou antagonismos acentuados. Observaremos como esse antagonismo está relacionado aos discursos conservadores em voga naquele momento - e que ainda persistem. Por fim, trago algumas considerações finais e reflito sobre atualidade de dados obtidos 4 anos atrás.

A “FAMÍLIA” E A INVESTIDA NEOCONSERVADORA CONTRA OS ESTUDOS DE GÊNERO EM SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA.

Alguns valores da guinada conservadora que daria o Brasil puderam ser vislumbrados durante a votação pelo impeachment da ex-presidenta Dilma, quando deputados da oposição atribuíram seus votos favoráveis à deposição às “famílias”. Nesse mesmo dia, o então deputado federal e atual presidente da república Jair Bolsonaro dedicou seu voto ao militar que torturou Dilma Rousseff - e muitas outras mulheres - durante a ditadura. Nesta seção, vamos conhecer um pouco mais sobre a relação da defesa da família tradicional — que observamos em 31 de agosto de 2016 na Câmara dos Deputados Federais, cujo resultado direto foi o afastamento de Dilma Rousseff da presidência — e do neoconservadorismo no Brasil com a escola.

A família e o neoconservadorismo.

O cuidar da O modelo familiar ocidental vem sofrendo severas modificações desde que foi etnografado por David Schneider (2016) em 1968: a família nuclear até os anos 1960 encontrava sua base na heterossexualidade e na dominação da mulher, responsável pela boa condução do ambiente doméstico. De acordo com Joel Birman (2012), a família contemporânea, por sua vez, tem como característica a desorganização desse núcleo: a mulher deixa o espaço doméstico para disputar um espaço no mercado de trabalho e contribuir com o sustento financeiro de sua família, precisando, assim, recorrer a arranjos alternativos para cuidar de seus filhos. A entrada da mulher para o mercado de trabalho possibilitou, entre outras coisas, uma nova posição socialmente reconhecida para as mulheres e popularmente denominada de “mães solteiras”: mulheres com filhos fora do casamento ou mulheres que criam seus filhos sem a ajuda dos parceiros/pais. Elas inauguram novos modelos e arranjos familiares para dar conta do cuidado das crianças que não envolvem um parceiro: são avós, vizinhas, comunidades (FONSECA, 1999). A cisão entre as novas atribuições da mulher e sua antiga “vocação natural” de cuidadora da família — uma vez superada a tentativa de patologização dessa mudança pela psiquiatria e psicanálise — também abriu espaço para a institucionalização do cuidado. Em outras palavras, o cuidado, que tinha na família (na mulher) seu principal núcleo de realização, passa a ser um serviço oferecido constitucionalmente pelo Estado, no caso do Brasil. Escolas e creches assumem parte

significativa na educação e no cuidado de bebês, crianças e adolescentes e possibilitam a permanência das mulheres no mercado de trabalho.

Quando os deputados votaram a favor da “família” referiram-se à um modelo de família nuclear específico, o de “famílias funcionais”, que garantiriam a ordem moral e a segurança. Nessa idealização, os diferentes membros dessa família assumem papéis específicos inspirados no modelo dos anos 1960. Papai, mamãe e filhinhos. Família heterossexual. Filhos heterossexuais. O homem-pai como o chefe da família, detém o poder financeiro e o domínio do espaço público. A mãe-mulher como a única responsável pelo trabalho reprodutivo, deve ser doméstica, afetuosa e submissa ao seu marido e criar os filhos para reproduzirem esse modelo. Em outras palavras — e me permito colocar dessa maneira — o impeachment da ex-presidenta Dilma foi justificado no desejo de regressão em direitos e liberdade da mulher no mercado de trabalho e na avidez da defesa da heterossexualidade em seus binarismos.

O modelo de governo do ex-vice de Dilma, Michel Temer, que se seguiu ao afastamento da presidenta, permitiu-nos observar como a implementação da lógica de mercado dentro do Estado — não pela primeira vez na história do país, certamente — se valia de valores conservadores para se legitimar. A retração nos serviços públicos oferecidos e a redução da permeabilidade do Estado incentivava a privatização do cuidado, numa tentativa de recolocar as famílias enquanto núcleos de gestão do cuidado necessário para a manutenção da vida (BIROLI, 2018b). Somado à esse aspecto, a percepção de que mulheres teriam uma predisposição *natural* — ao invés de uma acomodação (quase sempre) não-voluntária histórica do sexo feminino nessas funções — para esse tipo de trabalho, inaugurou-se um caminho para o atual retrocesso que vivemos quanto aos espaços conquistados pelas mulheres na última década. A atual crise econômica causada pela pandemia de Covid-19 — e por sua má gestão no Brasil — afetou as mulheres de forma desproporcional. Após um ano de pandemia (2020-2021), elas perderam espaço expressivo no mercado de trabalho: enquanto a taxa de desemprego no Brasil gira em torno de 14,7%, entre as mulheres o percentual é de 17,9%³. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), foram criadas 230,2 mil vagas de trabalho para homens e eliminados 87,6 mil empregos

³ A matéria “Taxa de desemprego entre mulheres atinge recorde de 17,9%” pode ser acessada em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/05/27/taxa-de-desemprego-entre-mulheres-atinge-recorde-de-179percent.ghtml>>.

formais para as mulheres⁴. O trabalho doméstico — especialmente do tipo não-remunerado —, por outro lado, aumentou (ainda mais) para elas. De acordo relatório da Sempreviva Organização Feminista (SOF) e da Gênero e Número, 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia⁵.

O Escola Sem-Partido.

Além do pânico moral gerado pelo incentivo ao medo do desvirtuamento e fim da família, observou-se, durante o mesmo período, a defesa por uma escola técnica, neutra de posicionamentos políticos ou críticos. O Projeto Escola Sem Partido foi — ainda que não esteja totalmente superado quando do momento da escrita desse artigo — uma tentativa de despolitização da escola e do conhecimento que se vale da premissa delirante — mas necessária para os fins almejados — de que havia uma doutrinação petista e/ou comunista nas escolas e universidades públicas. O Escola Sem Partido foi defendido pela oposição partidária e social da direita e extrema-direita, que advogavam a favor de “uma escola neutra de influências partidárias e ideológicas” (AZEVEDO MELLO, 2018, p. 9)⁶. Essa iniciativa representou um levante conservador contra todos os conhecimentos situados, especialmente os que são produzidos dentro das humanidades e questionam ordens hierárquicas tradicionais. As agendas contrárias à igualdade de gênero proposta pelos movimentos feminista e LGBT está fundamentada no combate ao entendimento de que gênero, sexo e orientação sexual são determinações sociais culturais e históricas, e não naturais, biológicas e tampouco fisiológica (SCOTT, 1990). E para enfrentar a ‘deturpação das determinações naturais’, o Escola Sem Partido criou seu vilão, a “ideologia de gênero”, que precisava ser derrotado para preservar a moral, os bons costumes, a ordem social e a família hétero-patriarcal do povo brasileiro (BIROLI, 2018a). Segundo Reis e Eggert,

A ampla disseminação da falsa premissa da “ideologia de gênero”, vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do “inimigo”, quando o que se pretendia com a “promoção da igualdade [...] de gênero e de orientação sexual” era simplesmente contribuir para “a superação das desigualdades

⁴ Dados de acordo com matéria publicada pelo Sindicato dos Bancários “Mulheres são as mais castigadas na pandemia”, disponível em <<https://spbancarios.com.br/03/2021/mulheres-sao-mais-castigadas-na-pandemia>>.

⁵ Relatório completo pode ser acessado em <<http://mulheresnapandemia.sof.org.br>>.

⁶ O Supremo Tribunal Federal reafirmou a inconstitucionalidade do projeto Escola sem Partido em 2020, disponível em <<https://cpers.com.br/em-nova-decisao-stf-reafirma-inconstitucionalidade-do-projeto-escola-sem-partido/>>, acessado em 9 de julho de 2021.

educacionais” que comprovadamente existem entre os gêneros, em consonância com as décadas de debates, acordos e políticas públicas estabelecidos democraticamente a fim de promover a equidade de gênero (REIS; EGGERT, 2017, p. 20).

A articulação desse projeto no âmbito educacional e cultural pode ser contemplado em dois exemplos da história recente da educação no Brasil em que uma multidão se ergue “em defesa das crianças”. A postura negacionista anti-gênero extrapola o ambiente escolar em direção à esferas culturais variadas: 1) ao dar relevância aos corpos sexuados, gendrificadas, e às suas performances de gênero enquanto questões políticas e éticas de relevância para a construção do sujeito, a filósofa americana Judith Butler (2016) fez disseminar a percepção de fragilidade de sistemas ocidentais conhecidos e basilares, como o da heterossexualidade compulsória e o binarismo de sexos e gêneros, questionando as fronteiras do que era visto como natural. Em uma visita ao Brasil, em novembro de 2017, a filósofa foi alvo de protestos inspirados em tempos sombrios para mulheres com conhecimento⁷: conservadores queimaram uma imagem de Butler em frente ao local onde lançaria seu novo livro. Os manifestantes, que empunhavam crucifixos, atearam fogo em uma boneca vestida de bruxa com o rosto de Butler aos gritos de “queimem a bruxa!”⁸. E 2) o protesto inspirado no *modus operandi* da Inquisição Espanhola foi precedido do cancelamento da exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* em Porto Alegre por protestos “em defesa das crianças”. Como se a censura não fosse absurda em si, o prefeito da cidade na época, Nelson Marchezan Jr. (PSDB) também se posicionou contrário à mostra, pois elas exibiam “imagens de zoofilia e pedofilia”⁹.

O que tomo como relevante nessas duas situações é que as percepções de ameaças à “família brasileira”, às crianças, e aos “bons costumes” foram atribuídas à politização da sexualidade e do conhecimento, e às conquistas dos movimentos sociais. Dessa forma, o Escola Sem Partido também supõe a necessidade de incluir nas normas educacionais o direito dos pais de educar seus filhos de acordo com seus ‘valores morais’ e ‘crenças particulares’. Esse argumento, no entanto, contraria o que diz a Constituição Federal, Art. 205, que estabelece que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa,

⁷ Sobre esse assunto, ver FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas. São Paulo, Boitempo, 2019.

⁸ A matéria ““QUEIMEM A BRUXA!” VISITA DE JUDITH BUTLER PROVOCA MANIFESTAÇÕES NAS RUAS DE SÃO PAULO” pode ser acessada em <<https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero/>>.

⁹ A matéria “Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo” pode ser acessada em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html>.

seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). O Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 53, de forma similar também reconhece a educação e o acesso ao conhecimento como um direito assegurado à essa população (BRASIL, 1990). Tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário também versam nessa direção (AZEVEDO MELLO, 2018). Claramente, não se trata da possibilidade de ofertar um menu de conhecimentos mais ou menos permitidos para que pais, igreja ou políticos possam escolher censurar ou não. Mas era isto, contudo, o que propunha o Escola Sem Partido: a parcialidade que deveria ser combatida era aquela que levava à sala de aula perspectivas críticas ao sistema vigente e às desigualdades sociais (BIROLI, 2018a).

Apesar de julgada a inconstitucionalidade desse projeto pelo Supremo Tribunal Federal, Pernambuco é um dos estados em que parlamentares conservadores ainda tentam emplacar a expressão como uma ameaça ou, pior, em forma de lei estadual e/ou municipal. Nesse cenário, a EREM Cândido Duarte não encerrou projetos que abordassem gênero na escola conquanto estivemos nela para a atividade de extensão. Mas nem todos os alunos e alunas, como veremos a seguir, eram favoráveis a essa postura. Nos discursos que encontramos nos questionários de nosso caso particular e que são avessos à temáticas de gênero durante a execução do *Projeto de Extensão Cinedebate: Raça e Gênero na Escola*, observamos associações entre feminismo e pedofilia, defesa de salários menores para mulheres por engravidarem, a defesa dos papéis tradicionais de gênero afim de evitar a “desordem total”, afora o pânico em torno de uma noção deficiente sobre socialismo e comunismo.

A reflexão acerca dos sentidos desses antagonismos levou-nos a fazer associações, através da similaridade entre os discursos, com a guinada conservadora que o país vem enfrentando acentuadamente desde 2014 (BIROLI, 2015), sendo possível identificar como os mecanismos operadores do neoliberalismo se valem desses valores arcaicos para implementar e justificar a ausência do Estado em algumas esferas públicas, especialmente às relativas à conquista de direitos da mulher e de pessoas LGBTIAQ+. O conservadorismo político alcançou a escola por meio da ideologia do Projeto Escola Sem Partido, dificultando em muitos lugares o debate das noções de gênero dentro das humanidades e criando ambientes hostis para educadoras/es dentro da escola.

A RECEPÇÃO DOS TEMAS CONTEMPLADOS E O ANTAGONISMO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO.

Para começar esta seção e melhor compreender o tipo de objeção encontrada quando trabalhamos diversas temáticas dentro das questões de gênero, apresentarei inicialmente, e de forma rápida, todos os curtas-metragens de outras temáticas cujos questionários não apresentaram sinais de divergências aos temas. Para este artigo, todo o material produzido por estudantes foi observado em conjunto, considerando suas respectivas temáticas. A recepção que classifiquei como “antagônica” será exposta em seguida, junto com a apresentação dos curtas-metragens de gênero.

As obras cinematográficas foram escolhidas a partir de dois critérios: o primeiro deles determinava que o curta tratasse das questões contempladas no nome do projeto, isto é, relações raciais e questões de gênero. Em segundo lugar, era também relevante a origem do curta, uma vez que escolhíamos apenas filmes nacionais. De forma geral, foram curtas que abordaram temas como racismo, solidariedade, bullying, feminismo e identidade de gênero. No quadro abaixo é possível visualizar quais curtas foram utilizados.

Quadro 1. Temas e Filmes Exibidos

FILME	TEMA DO FILME
XADREZ DAS CORES	RACISMO E RELAÇÕES RACIAIS
SOCORRO NOBRE	DEPRESSÃO E SOLIDARIEDADE
A PESTE DA JANICE	BULLYING E SOLIDARIEDADE
A VISITA	IDENTIDADE DE GÊNERO
QUEM MATOU CRIS NEGÃO	VIVÊNCIAS TRAVESTIS
MULHERES INVISÍVEIS	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

As nuances de uma recepção não-antagônica.

*Xadrez das Cores*¹⁰ (SCHIAVON 2004) dá ênfase ao racismo da patroa branca. Por precisar do dinheiro, Cida, a empregada doméstica, atura tudo em silêncio, até decidir-se vingar através de um jogo de xadrez. O filme procura despertar em sua audiência o incômodo e a insatisfação diante da discriminação étnica, tornando possível o debate sobre o preconceito

¹⁰ Foi produzido em 2004, e dirigido por Marco Schiavon e tem no elenco Anselmo Vasconcellos, Mirian Pyres e Zezeh Barbosa.

racial e o trabalho doméstico na experiência dos alunos em contextos trazidos pelas/os próprias/os estudantes.

A boa recepção do curta foi unânime. Todos as/os alunas/os afirmaram em seus questionários ter gostado do filme. Todas/os consideraram úteis o filme e o debate suscitado por ele. A recepção deste curta-metragem e do tema do racismo, do trabalho doméstico e divisão sexual do trabalho foi trabalhada de forma interseccional em um artigo anterior, também através da análise dos questionários. As evidências apontaram a boa recepção para o tema de combate ao racismo, ainda que as questões de gênero interseccionais não tenham encontrado a mesma facilidade de absorção:

Sobre os questionários respondidos após a exibição de *Xadrez das Cores*, notamos que o racismo ainda é invisível ou não existente para parte dos estudantes, embora essa não seja a posição da maioria. A intensão de trazer para sala de aula o debate sobre a interseccionalidade de discriminação não atendeu às expectativas, levando à conclusão de que, ao menos para essa turma, o racismo chama mais atenção, independente da etnia, do que a discriminação de gênero, apontada apenas por duas estudantes do sexo feminino (AZEVEDO MELLO; CARDOSO, 2017, p.12).

A ótima recepção dos alunos à *Xadrez das Cores*, contudo, não se repetiu para os filmes *Socorro Nobre* (SALLES, 1995) e *A Peste da Janice* (FIGUEIREDO, 2007). No filme de Walter Salles, Maria do Socorro Nobre¹¹ é uma presidiária com depressão e desapego pela vida. Isso muda quando ela troca de cartas com o artista polonês Frans Krajcberg, cuja chegada ao Brasil depois da segunda guerra despertou nele nova vontade de viver. A história de Maria iria influenciar a criação da personagem de Fernanda Montenegro no longa premiado *Central do Brasil*. Em *A Peste da Janice*¹², por sua vez, assistimos ao início de um novo ano escolar. Janice, a filha da faxineira da escola, é a aluna nova e torna-se vítima de práticas de *bullying*¹³ de suas colegas.

Uma leitura completa dos conteúdos dos questionários revela-nos algumas nuances que sugerem *desinteresse* em responder os questionários entre todas/os estudantes, mesmo entre aqueles que afirmaram ter gostado dos filmes. O material não mostra engajamentos

¹¹ *Socorro Nobre*, lançado em 1995, foi dirigido por Walter Salles; composição das músicas ficou a cargo de Antonio Pinto; a produção de Mini Kerti; tem no elenco o artista Frans Krajcberg e a Socorro Nobre; e o roteiro ficou a cargo de Frans Krajcberg e de Walter Salles.

¹² Lançado em 2007, dirigido por Rafael Figueiredo; de autoria de Luís Augusto Fischer; produzido por Sabrina Campanella; música composta por Luciano Albo; que tem no elenco Micaela Rocha, Yarsin Tedesco, Sandra Alencar Juliana Borges Rocha, Mariana Vellinho, Gabriela Marques Iablonovski, Fernanda Maurici; e roteiro escrito por Rafael Figueiredo, Cristina Gomes.

¹³ “Bullying aqui pode ser entendido como um tipo de agressividade em sentido da cristalização das classificações entre crianças e adolescentes. “A sociedade elege critérios de classificação do que é considerado normal, então, aquele que não possuir essas características tidas como normal, sofre preconceito e discriminação” (GOFFMAN, 1992 apud HENRIQUES, 2020).

significativos com o tema. Nem a favor, nem contra. Pelo contrário, ele traz como característica o desinteresse justificado na 1) pouca possibilidade de paralelos entre as vidas das alunas e alunos e a vida da personagem principal (Socorro Nobre); e 2) na saturação de um modo de discursar sobre bullying na escola (A Peste da Janice). Segundo Altmann, “é necessário buscar na obra aquilo que o destinatário encontra em referência aos seus próprios sistemas de significação e (ou) em referência aos seus próprios desejos e pulsões (2008, p. 614)”.

‘Gênero’ e a incompatibilidade temática.

Em *A Visita*, do diretor Leandro Corinto, produzido pela Equipe 20, conhecemos Matheus, uma criança negra que está vivendo a expectativa de rever seu pai depois de alguns anos. Para sua surpresa, o seu pai havia passado por uma adequação de sexo e agora havia assumido visivelmente a própria transexualidade. *Quem Tem Medo de Cris Negão*¹⁴ é um curta-documentário que traz depoimentos de pessoas que conheciam a ‘Cris Negão’. Cristiane Jordan, travesti cafetina conhecida por seus métodos e abordagens violentas utilizados para controlar outras travestis em contexto de prostituição no centro de São Paulo, foi assassinada com três tiros no rosto em 2007. *A Visita* e *Quem Matou Cris Negão* foram exibidos juntos.

É possível afirmar que, de forma geral, o tema foi bem recepcionado pela maioria dos estudantes. Contudo, a existência de alguns sinais de intolerância e incompreensão não devem ser ignorados. Em um outro artigo, identifiquei barreiras, como o entendimento entre alguns alunos e alunas de que haveria escolha consciente para a identificação com uma ou outra orientação sexual e/ou identidade de gênero, e que se estivessem no lugar das personagens, “não seria homossexual” (AZEVEDO MELLO, 2018, p. 9). Os questionários mostram que 57,90% das/os participantes confundem homossexualidade e transexualidade, sendo o primeiro tomado como termo de alcance universal para todas as pessoas que são LGBTIAQ+. Este dado por si só desvela a necessidade de insistir em trabalhar esses temas: ainda não há fluência na linguagem necessária para combater preconceitos e violências cotidianas acerca dessas vidas que demonstre um entendimento da diversidade existente entre as diferentes pessoas LGBTIAQ+, incluindo o uso do abandonado termo “homossexualismo” - neste caso, ao contrário, há indicativos de que o uso do termo foi feito deliberadamente a partir do entendimento esclarecido de que o sufixo -ismo tem conotação patologizante - motivo para

¹⁴ O curta-documentário foi lançado em 2012 com roteiro e Direção de René Guerra, produção de Juliana Vicente, direção de fotografia feita por Matheus Rocha, a diretora de arte é Maíra Mesquita, montagem por Yuri Amaral, edição de som feita por Guile Martins e a mixagem por Fernando Henna.

evitá-lo. Já naquele trabalho apontei a existência de um paralelo entre as barreiras de alguns estudantes aos temas de gênero e a difusão da falácia da “ideologia de gênero” rebatida por conservadores com a proposta do Escola sem Partido. Acrescento, agora, de acordo com Reis e Eggert (2017), que a percepção sobre a “ideologia” era de que ela pregava a destruição da família “tradicional”, a legalização da pedofilia, o fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros, e que nega a existência da discriminação e violência contra mulheres e pessoas LGBTIAQ+, em prática intelectualmente desonesta.

Utilizou-se também de uma espécie de terrorismo moral, atribuindo o status de demônio às pessoas favoráveis ao respeito à igualdade de gênero e diversidade sexual na educação, além de intimidar profissionais de educação com notificações extrajudiciais com ameaça de processo contra quem ousasse abordar esses assuntos na sala de aula. Criou-se um movimento para “apagar” o assunto gênero do currículo escolar. Utilizou-se de uma ideologia no sentido de uma “crença utilizada para o controle dos comportamentos coletivos”, podendo ser “uma crença totalmente infundada” (REIS; EGGERT, 2017, p. 18).

Em outras palavras, a “Ideologia de Gênero” é um perigo à um modelo de família específico que não admite possibilidades de variação. Não são apenas pessoas LGBTIAQ+ que representam essas ameaças em suas existências, mas a própria inserção da mulher no mercado de trabalho ‘deseestrutura’ esse modelo. O Escola Sem Partido, por sua vez, trata-se da estratégia (ainda em voga, mesmo que já declarada inconstitucional pelo STF) para demonizar o conhecimento feminista sobre esferas como gênero, sexo e sexualidade - justamente por desestabilizarem-nas -, e propor, em contrapartida, uma ofensiva conservadora contra os direitos de pessoas com gêneros e sexualidades dissidentes do modelo heteropatriarcal. *Mulheres Invisíveis*¹⁵, o último curta que debateremos aqui, é um documentário que aborda, a partir de uma visão feminista, a divisão sexual do trabalho (CARDOSO, 2006). O curta visa à conscientização da/o espectador/a para a constante dupla jornada de mulheres, que, agora inseridas dentro do mercado de trabalho produtivo (aquele em que há uma remuneração financeira), também são responsáveis pelo trabalho reprodutivo, isto é, o trabalho doméstico, para o qual não há remuneração ou reconhecimento.

Ainda que a maior parte da turma tenha afirmado haver gostado da atividade, mais de 2/5 dos estudantes que participaram da sessão não aprovou totalmente esta obra - é o maior índice de rejeição entre todos os curtas. São desses alunos, em sua maioria homens, que falaremos um pouco mais agora. O entendimento desses estudantes, segundo seus questionários, variou entre uma suposta simetria entre feminismo e machismo, uma distorção

¹⁵ O documentário foi lançado em 2010 pela Sempreviva Organização Feminista (SOF), com apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM).

acentuada do sentido e significado da atuação de feminista no mundo do trabalho, e uma tentativa de associação entre feminismo, socialismo e comunismo. Notar abaixo algumas transcrições:

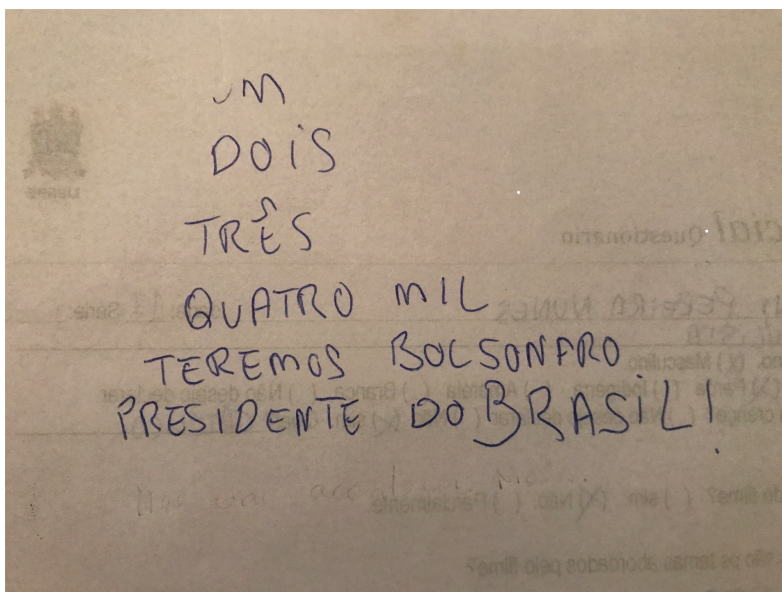
1) “O que me chama a atenção é o fato de um movimento “social” tão fraco ganhar discípulos, que em sua maioria parecem não possuir cérebro. Por favor lembrar que de umas mentoras do Feminismo, Simone (sobrenome francês) era uma pedófila. Vocês são repugnantes”.

2) “Só vejo [pontos] negativos. Se possuem positivos é apenas algo utópico (normal de socialismo). Hoje em dia as feminista lutam por igualdade, principalmente social e trabalhistas, mas parecem não ligar pro fato de que quando engravidam passam meses e meses recebendo salário sem trabalhar, diferente dos homens, que não recebem nada. Faça seu papel de mulher. Chega de querer fazer papel de homem. Assim, tudo ficará fora do lugar, desordem total”.

3) “[Para as próximas sessões, sugiro] Algo que não remeta ao socialismo que destrói cada vez mais a família, o povo, o mundo. PS: Lembrar que os movimentos socialistas e comunistas nunca darão certo, nunca deram. Não deu na União Soviética, nem no comunismo chinês (com Mao-Tse-Tung) e nem na Cuba (onde eles dominam - esquerda - cada vez mais o país, esse já destruído como qualquer país socialista, desde ano de 1959, na Revolução Cubana”.

Procurar um sentido razoável para a agressividade em algumas dessas respostas por vezes escapa o alcance do manto protetivo da incompreensão temática. Observam-se verdadeiras reproduções de discursos de ódio político hoje amplamente difundidos por políticos - e *youtubers* - da extrema direita brasileira. São estratégias que visam ao pânico moral, o desmerecimento de mulheres, em especial daquelas que lutam contra a desigualdade de gênero; e disseminam uma concepção fantasmagórica do comunismo e dos movimentos sociais. Beneficiando a quem quer que eles beneficiem - mas nunca ao conhecimento, tampouco sua difusão e acessos igualitários à oportunidades e direitos -, esses discursos se tornaram bastante comuns nos atuais debates políticos nacionais, tendo no presidente Jair Bolsonaro sua figura de maior representatividade. O reconhecimento da figura do presidente como patrono da intolerância já era feito em 2016 por estudantes do ensino médio. Seu nome foi trazido por um aluno e justifica nossa alusão anterior à um cenário de maior escala, o cenário político nacional, na busca de uma melhor compreensão do discurso utilizado. A imagem abaixo é uma fotografia do verso de um dos questionários:

Imagem 1. Mensagem extra-questionário. 2016.



A conexão entre os antagonismos, de maior ou menor grau, aos filmes de temática de gênero e o neoconservadorismo que ganhou força no Brasil com a deposição de Dilma Rousseff baseia-se em um pressuposto da recepção fílmica destacado por Altmann, onde a crítica ou a leitura de uma obra fílmica está relacionada ao cotidiano daquela/e que a avalia:

Por sua vez, ao recepcionar a obra, o crítico, que nada tem de passivo, a recria. (...) Tal prática não está apenas na leitura posterior e prolongada da obra, mas em sua própria construção, baseada na percepção crítica de fragmentos da realidade. Tanto crítica quanto obra não se constroem fechadas em si, mas se referem e fazem parte de um mundo, de uma cotidianidade (ALTMANN, 2008, p. 215-216).

A partir da análise de todos os questionários produzidos por alunas e alunos, percebemos que apenas os que se referiam aos curtas-metragens com a temática “gênero” — identidade de gênero e a realidade de travestis no Brasil, feminismo e divisão sexual do trabalho - traziam hostilidades e comentários agressivos em confluência com o discurso político conservador que ganhou espaço no cenário nacional. Esse achado deve ser interpretado como uma amostra da penetração de tais discursos em ambientes escolares de ensino médio em Recife/PE. Também é relevante a aproximação do discurso neoconservador que busca levar a mulher de volta à cozinha e sua ojeriza às teorias de gênero. O tema é distorcido, chamado de ideologia, e transformado em um perigo para as mentes inocentes das ‘nossas crianças’ — quando o imaginário da figura da ‘criança’ é invocado por um interlocutor, ele não refere-se à todas as crianças brasileiras; serão, principalmente, as heterossexuais, as de classe média e brancas. Algumas crianças e adolescentes são jogados à toca do leão, sem direito à pertencimento, acolhimento e entendimento. Se o modelo atual da escola já é, por si, homogeneizador (BOURDIEU, 2002), ao tornar inimigo o conhecimento,

as tentativas de escola “sem partido” apagam existências, vivências, realidades, deixando em perigo iminente alguns grupos de crianças e adolescentes.

Ao associar essa linha de pensamento ao presidente Bolsonaro, passamos a conhecer um pouco mais da trajetória deste através dos olhos jovens daqueles que se sentem representados por ele. Dessa forma, o projeto de extensão, encerrado há 4 anos, e cujos resultados ainda não haviam sido explorados em sua totalidade, mostrou-se relevante para pensar o espaço que tais discursos antagônicos ao ensino de gênero nas escolas ocuparam - e ainda ocupam - na estratégia neoliberal e na expansão do fascismo em curso no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Neste artigo, busco em um cenário maior os sentidos para um achado particular. Durante a execução do Projeto de Extensão Cinedebate: Raça e Gênero na Escola (UFRPE), curtas-metragens de diferentes temáticas foram apresentadas e as/os estudantes foram estimulados à preencherem questionários para avaliar qualitativamente tanto a obra como a atividade. Quando foi analisado o conjunto de questionários produzidos foi possível apontar que apenas curtas que trabalharam os temas de identidade de gênero, as vivências de travestis e feminismo a partir da divisão sexual do trabalho — que aqui nomeamos genericamente de ‘questões de gênero’ — foram recepcionados com alguma objeção.

Foi apontado como o cenário local remetia ao nacional e à investida da extrema-direita contra o progresso em direitos e liberdades dos movimentos feminista e LGBT, se valendo do mecanismo da propagação do pânico moral - que evocam a proteção da família, das crianças, da ordem, da moral e da propriedade privada. É um discurso de bases misóginas e lgbtfóbicas por admitir apenas *um* modelo de família, versando sobre o papel “natural” da mulher dentro de um ambiente familiar, doméstico e cis-heterossexual. Este discurso foi utilizado durante o impeachment da ex-presidenta Dilma e favoreceu as práticas neoliberais impostas pelas reformas do Governo Temer e a consequente diminuição de serviços ofertados pelo Estado. E já encontrava no então deputado, hoje presidente, Jair Bolsonaro um representante das intolerâncias às minorias sociais.

O bilhete em alusão ao atual presidente (Imagem 1) faz por si só a ligação entre o discurso conservador de um estudante secundarista à figura pública que representa esse discurso mais proeminentemente em 2016. Nesse sentido, ainda que o projeto tenha sido

encerrado há 4 anos, seus resultados ainda fornecem material para reflexão sobre a investida neoconservadora contra pautas sociais impreterivelmente políticas que são as pautas feminista e as teorias que buscam desnaturalizar noções de sexo, gênero e sexualidade. Entendo que a ofensiva contra a pauta de gênero foi uma questão aglutinadora fundamental para o avanço do neoconservadorismo no Brasil com o apoio popular. Esse cenário favorecia propostas conservadoras e retrógradas, potencialmente fascistas, como o Escola Sem Partido, em seu clamor a favor das “crianças” e contra o perigo que representava a falácia - amplamente difundida - da ideologia de gênero. É, portanto, possível analisar eventos do passado em confluência com que se observa no presente, não no intuito de advogar a favor de tentativas de previsão social, mas para refletir sobre os caminhos percorridos para se alcançar determinados fins, conscientemente ou não.

Não abordo, neste artigo, a influência do neopentecostalismo nesse cenário, ainda que ela não deva ser ignorada quando se busca compreender o neoconservadorismo e seu espaço dentro das escolas. Qual a influência das igrejas na mentalidade dos jovens?, não foi uma pergunta que busquei responder. O dado que possuo, contudo, atesta que a religião dos ‘antagonistas’ é tão diversificada quanto poderia ser. Contudo, se aludimos ao cenário nacional para entender a objeção da qual tratamos, nada mais coerente que apontar como relevante o fato de que o nacional vem sendo influenciado pelo crescimento do número de pastores evangélicos fundamentalistas em cargos políticos relevantes no governo. Neste artigo, optei teoricamente por um outro caminho, sem, todavia, desprezar a aproximação entre religião e política que vemos acontecer no Brasil há alguns anos.

O caráter político deste texto e das intervenções educacionais - como o projeto de extensão aqui debatido - justificam-se intrinsecamente às suas atividades. Por um lado, a extensão universitária tem caráter intervencionista e de aplicação prática do conhecimento que é cientificamente produzido dentro das universidades; e por outro, escrever não é uma atividade neutra. A escolha do objeto sobre o qual se escreve, o recorte que se irá buscar, a trajetória de vida de quem escreve: todos esses fatores estão presentes em um texto acadêmico. Quando tratamos de minorias sociais e suas conquistas — direitos e espaços — um texto científico será impreterivelmente político e situado. E um texto que se pretende feminista não pode trilhar outro caminho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARRIGHI, Giovanni. Globalização e macrossociologia histórica. In: **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 20, p. 13-23, jun. 2003

AZEVEDO MELLO, Fernanda de Carvalho. **Antropologia E Escola: Uma Reflexão Sobre A Educação Para A Diversidade Sexual E De Gênero A Partir Do Cine-Debate**. In: 31ª RBA, 2018.

AZEVEDO MELLO, Fernanda de Carvalho; CARDOSO, Maria Grazia Cribari. Cinema, Gênero E Escola: Uma Reflexão Sobre O Trabalho Feminino Com Estudantes. In: **13º Mundo de Mulheres e 11º Desfazendo Gênero**, 2017.

BIRMAN, Joel. Café Filosófico. **A Evolução da Família**. Youtube, outubro, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=74uaghhoxns>>, acessado em 10 de julho de 2021.

BIROLI, Flávia. **Quem ganha com a onda ultra-conservadora que ameaça a democracia no Brasil?** Portal Geledés, outubro de 2015. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/flavia-birol-quem-ganha-com-a-onda-ultra-conservadora-que-ameaca-a-democracia-no-brasil/>>, acessado em 10 de julho de 2021.

_____. Reação conservadora, democracia e conhecimento. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 61 n. 1: 83-94, USP, 2018a.

_____. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018b.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 mai. 2021.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO, Maria Grazia C. **Família, Gênero e Empresa: O Comércio de Vestuário no Bairro de São José – Recife- Pernambuco**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia /UFPE,2006.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27.**, Caxambu, 2004. Anais... Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

CRENSHAW, Kimberle W. (2004). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 206-219, 30 nov. 2012.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, 1999.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora da escola”**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 13-34, maio 1999.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia De Gênero: Uma Falácia Construída Sobre Os Planos De Educação Brasileiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan. 2017.

SCHNEIDER, David. **Parentesco Americano**: Uma Abordagem Cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez, 1990.

ANEXO I

Nome: _____
Idade: _____ Série: _____ Localidade: _____
Sexo: ()Feminino. ()Masculino.
Cor: ()Negra ()Parda ()Indígena ()Amarela ()Branca ()Não desejo declarar.
Possui religião ou crença? ()Não desejo declarar ()Não ()Sim
Qual? _____
1) Você gostou do filme? () sim. () Não. () Parcialmente.
2) Qual ou quais são os temas abordados pelo filme?
3) Quais os pontos positivos ou negativos do filme em sua opinião?
4) Você percebe aspectos do filme na sua vida cotidiana, quais?
5) Se você estivesse no lugar dos personagens sua atitude seria diferente, como?
6) Sobre o tema abordado, explique quais pontos te chamam atenção e se são novidades para você.
7) Deseja sugerir algum tema para as próximas exposições, qual?
Nota para o filme: _____